



A SENHORA
DO FIM DO MUNDO

- capítulo IV -

Havia acabado de acordar quando Rozzor apareceu na porta de seus aposentos, avisando-a que o café da manhã estava pronto. Liberou o criado para os seus afazeres diários e se levantou.

Hel estava nua, e sentia o vento gélido soprar-lhe às costas quando foi em direção a penteadeira. Esquecera a janela aberta na noite anterior, ou talvez estivesse calor. Não se lembrava, tinha bebido vinho em demasia.

Observou seu reflexo no espelho, cujo suporte era feito de ouro e ornado com rubis, e viu como sua aparência estava deplorável.

Enquanto o lado esquerdo de seu rosto possuía uma pele pálida, porém macia, lábios carnudos e avermelhados, e olhos púrpuros, o lado direito era o verdadeiro terror. Sua caveira podia ser vista por entre a carne putrefata, e onde estaria o olho, era nada mais que um buraco. Uma composição horrível para os olhos dos outros, a qual se estendia por todo seu corpo.

Todas as manhãs, a governante de *Helheim* precisava renovar a magia que dava harmonia para a sua aparência horripilante. Tal magia exigia um esforço enorme de sua mente, mesmo assim achava que a tal valia a pena; afinal, não se sentia bem com seu aspecto cadavérico.

O feitiço dera certo por toda sua vida. Ninguém jamais vira sua verdadeira forma, embora existissem histórias sobre ela. Hel ficara impressionada quando descobriu um livro intitulado “*As trezentas e oitenta e duas coisas mais horripilantes do cosmo*”, escrito por um poeta desconhecido de *Midgard*. Não ficou apenas surpresa com o livro em si, mas com o fato de que sua aparência estava entre as quinze coisas mais horríveis do cosmo. Riu de tal obra naquela época e ri sempre que se lembra do encontro que teve com o poeta que se autoproclamou o autor.

O pobre homem, na primeira instância, ficou se gabando pela criatividade e vivência utilizada para escrever tantas coisas. Revelou cada detalhe para Hel, transformada numa simples mortal recém-trazida para *Helheim*. No fim do relato, e após dar em cima da Rainha dos Mortos, começou a chorar, pedir por clemência quando a mulher trouxe até ele sua vingança por difamá-la.

Mesmo assim, apagar a existência do homem só lhe trouxe paz interior, pois a obra continuou sendo distribuída por toda *Midgard* e mais tarde, para os outros mundos, espalhando, então, o palpite acertado de um poeta criativo, de que a Rainha dos Mortos era tão feia quanto o trono em que se sentava.

Hel se concentrou e fez dois movimentos circulares com a mão direita em frente ao espelho. Em seguida, recitou as palavras mágicas que lhe foram ensinadas quando criança para esconder seus defeitos. Uma forte luz brilhante cobriu-lhe o lado direito inteiro. Quando tudo acabou, voltara a ser a mulher por qual os homens brigavam para sequer observar seus movimentos.

Sentiu mais uma vez o vento acariciar suas costas, causando-lhe calafrios, mas desta vez não teve tolerância. Com um movimento brusco do braço, uma rajada de vento obrigou a janela a se fechar num estrondo.

Então, tudo estava calmo, quente e silencioso. Gostava daquilo.

Penteou os cabelos brancos e lisos, e quando se sentiu satisfeita com o resultado, se levantou. Estalou os dedos. Logo em seguida, um vestido negro de seda, de mangas compridas, bordado com fios de ouro na cintura, nas pontas das mangas e no decote, se materializou sobre seu corpo. Um sapatinho, também negro, e com salto relativamente baixo se formou ao molde de seus pés. Depois, foi a vez de um luxuoso colar de pérolas negras adornar seu pescoço, junto da coroa de ossos em sua cabeça.

Observou-se mais uma vez pelo espelho. Seus cabelos de um branco pálido caíam-lhe até a cintura, com uma mecha trançada. Finalmente estava satisfeita com seu aspecto. Resolveu descer em direção ao salão para quebrar o jejum.

Deixou o quarto a passos largos, e após andar até o fim do corredor escuro e sombrio que servia de caminho para seu quarto, abriu uma porta pesada de carvalho. Dali, atravessou a passagem que ligava a sua torre pessoal ao local onde fazia suas refeições — uma outra torre, isolada, usada apenas para aquilo: alimentação.

No interior do local, assim como no restante do castelo — ou do próprio mundo — estava escuro e frio. Havia uma abertura na parte de cima da parede oposta à entrada, a qual servia como uma janela.

Atrás de um balcão de pedra e topo de madeira, um robusto homem, de pele rachada como pedra, picotava furiosamente o que parecia ser um comprido pedaço de carne. Logo atrás do homem, uma gigantesca tapeçaria ocupava a parede por completo. Nela, estava ilustrado o momento em que Hel fora coroada a Rainha dos Mortos, sentada imponente em seu trono.

Olhou para o cozinheiro, e percebeu que o mesmo estava absorto no corte da carne, enquanto assobiava uma canção fúnebre. Quando percebeu a presença de sua rainha, parou, cumprimentou-a com a cabeça, depois voltou ao seu trabalho.

Hel ouvia o barulho de algo sendo frito. O aroma indicava ser ovo, mas já fora enganada pelo seu nariz, afinal metade dele não funcionava de fato. Sentou-se à mesa, em silêncio, e apenas se ateu a esperar pela refeição.

Não demorou muito. O cozinheiro foi até ela trazendo um prato com ovos, cebolas, e um gordo bife, o qual Hel não conseguiu identificar do que seria. E não quis saber. Apontou para a adega posicionada opostamente ao balcão e exigiu vinho ao cozinheiro.

Encheu sua taça recém-posta pelo homem de pele rachada e bebeu um pequeno gole. Em seguida, depois de ordenar que o homem a deixasse só, atacou os ovos e o bife de forma calma e composta.

O dia está apenas começando. Tal pensamento não lhe agradava nem um pouco, principalmente quando sabia que o dia seria muito, mas *muito* demorado.

Adiou seus compromissos o máximo que pôde naquela simples refeição, mas como já esperava, não conseguiu fazê-lo por muito tempo. A porta da pequena cozinha se abriu, e detrás dela, Rozzor apareceu, acanhado.

Jogou-se aos pés de Hel, para então começar a murmurar, num tom quase inaudível:

— Minha rainha, os convidados já esperam ansiosamente por sua presença no Salão da Rocha Negra. O senhor Erallyub e a senhora Skadi exigem sua presença imediatamente, ameaçando cortar relações com vossa alteza — explicou, jamais olhando para Hel.

Por pouco tempo, mas suficiente, o silêncio predominou no local. A Senhora da Morte tamborilava os dedos no tampo de madeira da mesa, enquanto mastigava o pedaço da carne servida. Só depois de beber um gole do vinho que se deu ao trabalho de responder o criado:

— Diga a eles que estarei lá assim que possível. E peça, numa conexão privada, para que Dodoric apazigue os dois soberanos pomposos — ordenou numa forma calma, harmoniosa. Hel não tinha qualquer vontade de sequer se estressar. Ela já sabia que tal coisa aconteceria naturalmente. — Agora saia, deixe-me finalizar meu prato.

Rápido como uma flecha, Rozzor deixou a cozinha. A governante de *Helheim* suspirou, esparramando-se na cadeira. Fitou a tapeçaria com a própria imagem gravada nela.

Maldito trono, xingou baixinho e bebeu mais vinho, torcendo para que aquilo afastasse os pensamentos incômodos.

Terminou de comer, e mesmo sendo avisada de que ocorriam atritos na reunião que planejava, não se apressou nem um pouco. Desceu lentamente todas as escadas da torre e seguiu da mesma forma por entre os infindáveis corredores do castelo.

Quando enfim chegou próxima à Sala da Rocha Negra, conseguiu ouvir uma discussão fervorosa entre duas vozes, além de uma terceira, que tentava acalmar a situação.

Suspirou. E depois de muito acariciar a maçaneta dourada da porta, adentrou o local. Com sua entrada, veio o silêncio, e toda a sala tornou a atenção para ela.

Encarou os presentes, um por um. Em seguida, pigarreou. No fim, declarou:

— Agradeço a todos pela paciência — prestou uma espécie de reverência a todos. — Creio que possamos começar a reunião.

— E eu achando que *Helheim* era frio... — reclamou Tqir, seus dentes batendo uns contra os outros. O cavaleiro esfregava os braços com tanta força e velocidade que em determinado momento Siegfried pensou ver seu companheiro pegar fogo. — Eu juro, se a gente não conseguir pegar esse anel...

— A gente vai ser morto, meu camarada. Simples assim. Estamos em uma missão suicida, não importa para onde formos — interrompeu Siegfried, balançando sua espada de lâmina negra descuidadamente.

O homem vestia nada além de uma calça de couro negro e botas, também de couro. Não usava um cinto de espada, tendo então que carregar a bainha na mão. Sua pele era completamente um vermelhão horrível, devido a nevasca cortante e nada amigável. Mesmo assim, tal fato não parecia lhe incomodar.

— Podemos sempre correr para os confins de *Midgard*. O lugar mais neutro e praticamente impossível de encontrar alguém. Além disso, é o nosso lar.

Siegfried soltou uma gargalhada, embainhando sua espada em seguida.

— Pode até ser nosso lar, Tqir. Mas fizemos muitos inimigos, e na minha humilde opinião, nos aliamos ao lado errado dessa história.

— Tudo bem, então não vamos para *Midgard*. Cruzemos o mar e subimos em direção a *Asgard* — opinou o cavaleiro vermelho. — Chegando lá, contamos aos deuses sobre os planos dos gigantes.

— E depois passaremos a eternidade empalados nas muralhas de prata da cidade dos deuses. Porra, larga de ser um covarde — bateu com a espada nas costas do companheiro. — Quem deveria estar se cagando de medo era eu! Sou o cara que roubou a merda do anel desses filhos da puta, você acha que eles vão querer conversar na tranquilidade comigo?

— Eu não estou me cagando de medo para sua informação — resmungou, enquanto subia uma rocha. — Só estou tentando pensar numa forma de melhorar a maldita situação em que estamos — ofereceu ajuda a Siegfried para subir.

O careca riu.

— Deveria ter pensado em alguma coisa antes de ter combinado com Skadi que recuperaríamos o anel em três, isso mesmo, *três* dias — levantou três dedos, além de dar ênfase na palavra. — A gente vai levar pelo menos um dia inteiro só pra chegar naquele vale mágico dos filhinhos da serração.

Siegfried não mentia nem um pouco. Saindo do castelo de Skadi, o qual ficava situado no topo das Montanhas Gélidas, teriam que cruzar as Planícies Devastadas. Tal percurso levaria em torno de meio dia, se prosseguissem sem nenhum imprevisto, natural ou não. De lá, mais meio dia de caminhada até o Vale Enevoadado, lar dos Filhos da Névoa.

Tqir sabia disso. Contudo, o que poderia ter feito? Estava preso nas garras da Rainha do Gelo e qualquer resposta além de “sim” provavelmente acarretaria a sua aniquilação automática. Claramente não queria isso.

Pensou em falar aquilo para seu companheiro, mas de nada adiantaria. Siegfried era cabeça-oca demais, todos os seus pensamentos eram voltados para métodos de assassinato com espada e como escapar depois de um roubo. Portanto, tudo que o Cavaleiro Lagarto fez foi encarar o companheiro e balbuciar umas palavras sem importância. Assim seguiram caminho num silêncio agradável.

Cruzavam as Planícies Devastadas com rapidez. O local não posava muito desafio, pelo menos não geograficamente falando. Algumas árvores, muito raras, brotavam de súbito, todas nuas e congeladas, exatamente como a grama onde pisavam.

Muito ao norte e quase imperceptível, jazia o imponente castelo de Skadi, o ponto de partida da dupla. Quando Tqir fitou o lugar, ficou abismado pela distância que já havia percorrido. A sua frente, para o sul, ou para qualquer outro lado que olhasse, tudo que via era mais e mais campos congelados, pingados por árvores aqui e ali.

Tal ambiente deixava o cavaleiro um pouco desolado. A caminhada parecia nunca acabar. Além disso, não gostava de ficar em um local tão aberto; afinal o cavaleiro vermelho conhecia os perigos que espreitavam *Nifheim*, os quais, não sabia se felizmente – ou não –, os Filhos da Névoa não estavam incluídos.

O dia foi passando. E com ele, a vontade de continuar caminhando de Tqir. Andaram por um dia. Queria descansar. Siegfried, entretanto, parecia estar se lixando para tal coisa. Caminhava no mesmo ritmo do início da jornada, sem dar qualquer sinal de diminuí-lo. Ao ver o vigor do careca, começou a se perguntar se a velhice estava o alcançando. Provavelmente sim.

Pararam sob uma árvore alta, embora nua. A pausa só veio quando Siegfried percebeu estar quase cem metros à frente do cavaleiro vermelho. Após fazer uma piada sobre a velhice estar alcançando seu companheiro, procuraram um lugar em que pudessem relaxar por alguns minutos.

Tqir pegou o odre que carregava em sua pequena bolsa e bebeu um pouco de vinho, o qual estava quase congelado. Ofereceu um pouco a seu companheiro, que aceitou com o maior prazer.

— Estava guardando vinho até agora e nem me avisou? Você é um desgraçado mesmo — exclamou o careca depois de quase secar o odre.

— Eu teria oferecido antes, mas estávamos ocupados demais quase correndo por essas planícies de merda — cuspiu para o lado, a saliva quase se tornando gelo enquanto caía. — Essa maldita nevasca. Aquela vadia congelada podia ter ao menos cessado um pouco a tempestade para a viagem ser menos estressante.

— Poderia, realmente. Se ela tivesse o anel! — Bateu novamente com a espada nas costas do cavaleiro. — É claro que essa nevasca é obra dos Filhos da Névoa. Caramba, Tqir, você já foi mais inteligente. Pelo jeito a idade tá chegando na cabeça também.

— Cale a boca, seu — agarrou uma pedra que estava por ali e só não a arremessou em Siegfried porque um furioso rugido ecoou pelas planícies, perfurando seus ouvidos.

De olhos arregalados, fitou o companheiro.

— Você ouviu isso? Diga que ouviu.

Mais outro rugido, dessa vez muito mais próximo.

— Ouvi, meu amigo — respondeu, tirando a espada da bainha. — Ouvi sim, e pode confiar, não foi meu estômago.

A Sala da Rocha negra era um lugar não muito grande. Tudo o que existia naquele espaço era a mesa: uma pedra negra, quadrada, grande o suficiente para ocupar quase o local por completo e que dava o nome à sala. Em suas paredes, três gobelins permaneciam pendurados, retratando a Rainha dos Mortos cumprindo os passos necessários para assumir o Trono de Carne e Osso. Hel observava cada um deles atentamente.

No primeiro gobelino, Hel executava a dança ritualística sobre mil cadáveres, onde passaria uma hora completa. Tal dança servia como uma representação de que só profanando a própria morte é que seria necessária domá-la.

Na tapeçaria seguinte, a soberana de *Helheim* aparecia ajoelhada, bebendo o sangue do primeiro gigante, *Ymir*, em uma taça de prata. O momento fora retratado com tanta veracidade, que era possível ver a careta que a rainha fazia ao experimentar o suposto fluido corporal. Ela tinha quase absoluta certeza de que tal líquido havia sido trocado por alguma coisa muito pior, tendo em vista que *Loki* o preparara.

Por fim, o terceiro gobelim ilustrava *Hel* rodeada de monstros dos mais variados tamanhos e formas. Alguns jaziam mortos no chão, outros avançavam sobre ela.

Ouviu de repente um pigarreio e em seguida, uma reclamação. Era o rei mal-humorado do Reino dos Elfos Negros, o qual incrivelmente estava presente em pessoa na reunião.

— Talvez a reunião estivesse indo a algum lugar se nossa querida anfitriã passasse menos tempo babando sobre suas tapeçarias — o soberano de *Sverthalfheim* possuía a pele negra como o breu. O seu cabelo era um complexo emaranhado de fios dourados, quase todos trançados, estendendo-se até seus ombros. Envergava um belo gibão vermelho aveludado, com botões negros e calças de lã também vermelhas. Calçava um sapato pontiagudo um pouco mais escuro que sua roupa. Em seu pescoço, carregava um pesado colar de ouro branco. O elfo negro pigarreou mais uma vez e continuou. — Diga-nos o que há de tão incrível nessas coisas que vocês chamam de arte.

— Não direi, pois não há motivos para tal — respondeu ao elfo. — Peço perdão Rei *Erallyub sep Aestarep*, se pareci não dar a devida atenção aos assuntos aqui discutidos.

— Tudo que ouço são desculpas e mais desculpas! — resmungou, dessa vez num tom mais elevado, beirando a um berro.

— Se não está satisfeito com algo, meu caro *Erallyub*, então poupe-nos de seus surtos e deixe-nos em paz — uma mulher, de cabelos azuis, interrompeu o elfo de forma rude. Trajava um comprido vestido de seda branco, bastante justo em sua cintura e com um decote muito modesto, o qual parecia estar prestes a liberar os seios da mulher. Três colares de prata, de tamanhos diferentes, ornavam seu esbelto pescoço, enquanto uma coroa, aparentemente feita de gelo repousava sobre sua cabeça. Após um breve silêncio, voltou com seu discurso. — Não temos tempo para ficar de picuinhas como as que o senhor cisma em fazer.

— Então deixemos de conversas fiadas, sim, Rainha *Skadi*? — um homem, bastante baixo e com um respeitável bigode indagou. Era o único entre todos na

reunião que envergava uma armadura completa de batalha, na cor de cobre, embora fosse feita de prata. — Quando chegará a parte em que reunimos nossos exércitos e aniquilamos aqueles deuses covardes?

— Chegará assim que o momento for propício, senhor Dodoric Dunval — respondeu o anão num tom cortante e frio. Skadi então fitou a rainha dos mortos. — E assim que nossa anfitriã explicar o motivo da reunião repentina. Lembro-me de não haver nada marcado até conseguirmos aniquilar a praga que assola nossos planos.

A governante de *Heilheim* passou a observar todos um por um. A sua esquerda permanecia Skadi, que acabara de pedir uma taça de vinho a Rozzor, aparentemente despreocupada. A sua direita, havia uma cadeira vazia e sobre a mesa, uma pequena pedra redonda, avermelhada, a qual brilhava em intervalos irregulares. Logo a sua frente, via mais outro lugar vazio, com uma outra pedra redonda, desta vez na cor acastanhada. Ao lado de tal cadeira, Erallyub sep Aestarep e Dodoric Dunval; esquerda e direita respectivamente.

Hel suspirou e pediu um pouco de vinho, o qual pretendia não consumir até o fim da reunião. Precisava estar a mais sóbria possível, mas havia se esquecido o quão estressante era lidar com elfos e anões num mesmo local e tempo.

— É verdade, Skadi. Esperaríamos até a *Valquíria do Infinito* ser eliminada para que pudéssemos continuar os nossos assuntos — bebeu um pouco do vinho. — Contudo, pensei em fazer esta reunião de hoje para discutirmos justamente sobre ela.

— Não há nada para discutir sobre ela, Hel. Essa tal valquíria é apenas uma pedra em nosso sapato, nada mais, nada menos — Dodoric comentou com uma voz rouca. — Por mim, deveríamos mandar pessoas capacitadas para abaterem essa selvagem.

Erallyub gargalhou à opinião do anão.

— É por motivos como este que evito de comparecer fisicamente a essas reuniões — resmungou o elfo negro, cruzando os braços. — Como consegue ser tão ignorante, senhor Dunval?

— Ignorante? Escuta aqui, seu filho da puta de orelha pontuda...

— *SILÊNCIO!* — uma voz firme e grave ecoou pela Sala da Rocha Negra.

E como ordenado, o silêncio veio. Em seguida, todos olharam para a origem da voz. Da cadeira vazia entre o anão e o elfo, uma silhueta castanha surgiu,

sendo projetada da pedra redonda sobre a mesa. Não possuía rosto, nem era possível distinguir suas roupas. Mas tinha chifres em sua cabeça, e era grande, robusta, *assustadora*.

Ao identificar e confirmar a identidade da voz, todos os presentes abaixaram a cabeça, como uma forma de reverência. Alguns, por medo, outros por respeito. No entanto, ninguém permaneceu de cabeça erguida naquele momento.

— Vocês crianças se bicam como corvos quando famintos — continuou depois de uma longa pausa. Subitamente, tossiu. E de novo. Mais uma vez. — Hel, minha querida! Por que não está controlando a situação?

— Deixo que os corvos se matem, e só então converso com os que valem a pena — revelou a rainha de *Helheim*, encarando a silhueta com seus olhos púrpuros perfurantes.

Ninguém reclamou da afirmação – ou deboche – da mulher. A robusta forma castanha riu, antes de ter mais um ataque de tosse.

— É uma sábia estratégia. Usarei algum dia desses.

— Mandou nos chamar, senhor Odin? — questionou o homem no momento em que entrou nos aposentos pessoais do Pai de Todos, junto de um outro. Eram carecas, de pele pálida. Envergavam um comprido manto negro e um capuz, o qual cobriam-lhes quase todo o rosto, quadrado e nu. Eram exatamente iguais, exceto pela altura.

— Sim, Hugin — apontou para as duas cadeiras em frente a sua mesa. — Sentem-se.

Os dois homens de manto negro se sentaram como lhes foram ordenados. Entrelharam-se por um breve momento, apenas para voltar a atenção para o poderoso deus.

— Tenho uma tarefa para vocês — encarou ambos, um de cada vez, com seus olhos dourados, brilhantes. — Um rastreamento, e se possível, quero que tragam de volta o que encontrarem.

— Mas é claro, senhor! — Respondeu energeticamente Munin, o gêmeo mais baixo. — Basta nos dizer o que devemos buscar e tal coisa estará aqui em dois dias!

Odin suspirou. Hugin socou o ombro do irmão, que fez uma careta de dor, e fitou o deus.

— É muito mais importante do que imaginamos, não é? — Perguntou, soturnamente.

— Vocês rastrearão Zero — concluiu Odin, sem nunca tirar os olhos dos gêmeos de negro. — E como eu disse, tentarão trazê-la de volta. Skögul irá com vocês, creio ser o suficiente para persuadi-la.

Munin engoliu seco, de olhos esbugalhados. Queria ter dito que aquilo era loucura, mas não iria ir contra Odin. Seu irmão confirmou com a cabeça e se levantou.

— Será feito, Pai. A *Valquíria do Infinito* será trazida de volta. O senhor tem alguma ideia para onde ela se dirigiu?

— Tudo que sei é que planejava seguir para *Helheim*. Se ela estiver planejando fazer o que penso que vai, temo por nossa frágil aliança — apoiou os cotovelos na mesa.

— Não se preocupe, senhor Odin. Tudo continuará como está — Hugin, após puxar seu irmão, prestou uma reverência e sumiram na mesma velocidade que chegaram.

— Por que você tem que ser assim, Zero? — Se questionou em voz alta.

— Lorde Umir, como está sua saúde? — Hel perguntou à silhueta castanha, oposta a ela. — Espero que os médicos que lhe enviei tenham sido de alguma utilidade.

Umir teve um ataque de tosse, o mesmo que lhe acometera desde sua aparição na reunião. Só depois teve a oportunidade de responder:

— Parece-me que estou ficando pior, não importa quantos médicos eu veja. No entanto, sinto desapontar todos aqui presentes, mas não morrerei tão cedo.

— Claro que não — murmurou Hel, descontente. Tal fala teria soado como um desrespeito se tivesse sido feita por outro, entretanto, felizmente para a rainha, Umir a adorava.

Desde que nascera, o rei de *Jotunheim* a tratava com muito respeito, principalmente por ser filha de um grande amigo seu, Loki. Jamais se importou com a aparência cadavérica dela, muito menos com seu comportamento nada agradável em sua estadia no Reino dos Gigantes. Quando se tornou uma mulher, fora Umir que lhe entregou o Trono de Carne e Osso ou que, ao menos, ordenou a Loki fazê-lo.

Vários anos após sua ascensão, Hel recebeu a notícia de que o Rei Supremo estava doente. Tal comunicado impressionou-a, pois nunca imaginou o poderoso gigante em um estado moribundo. Foi apenas anos depois que a rainha descobriu a verdade por trás daquilo.

O Rei Supremo dos Gigantes fora pego por uma terrível maldição, rogada pelo povo de *Alfheim* durante uma tentativa de invasão. Umir havia sido avisado das consequências de invadir o mundo composto pela maior população mágica do cosmo, mas os avisos não lhe foram suficientes. Mesmo levando consigo um grande número de elfos negros, também usuários de magia, tudo que conseguiu fazer foi ser derrotado nas primeiras linhas de defesa de *Alfheim*, por uma maldição.

Hel sabia que seria questão de tempo até o gigante padecer. E era isso o que tanto esperava. Afinal, apresentava as maiores chances de adquirir o trono de *Jotunheim* para si, tendo em vista o carinho de Umir por ela.

Provavelmente, o Rei Gigante sabia dos planos da mulher. Talvez, todos naquela sala soubessem. Para Hel, aquilo não fazia diferença alguma. Tudo ia de acordo com o que planejara, queriam eles ou não.

A Rainha dos Mortos fitou os convidados novamente, um por um. Parou com seu olhar por um momento mais longo na pedra arredondada vermelha, a qual

ainda não havia se pronunciado. Suspirou, se ergueu e apoiou as mãos na Rocha Negra.

— Vamos deixar os assuntos frívolos para trás — percorreu a superfície da mesa com as mãos, encarando-as. — Como praticamente todos estão presentes, posso enfim revelar o teor da reunião.

— Finalmente! Pensei ter vindo até esse buraco para discutir com esse anão — Erallyub encencou, gesticulando fervorosamente com a mão. — Se fosse para brigar com Dodoric, eu poderia ficar em meu castelo, afinal esse desgraçado mora em baixo dele.

— Você poderia parar de agir feito um velho resmungão por um único instante? — Retrucou Skadi, claramente incomodada com o comportamento do elfo; ou seria porque seu vinho acabara?

— Poderia, sim. Mas não o quero. E tenho total direito de fazê-lo — respondeu num tom nervoso.

— Concordo, Rei Aestarep — Hel interrompeu o elfo negro com rispidez. — Contudo, você está em meu reino, em meu castelo, e agora, quem vai falar sou eu. Você, meu caro rei, vai ficar sentado, comportado e só se pronunciará quando eu me dirigir a você. Creio que tenha compreendido.

A voz de Hel ecoou pela sala, calando todas as futuras reclamações de qualquer um no local. O fogo nas tochas presas às paredes estalava, enquanto Umir tinha mais um ataque de tosse. Aqueles eram os únicos sons audíveis naquele momento.

Assim que o Rei Gigante terminou de quase vomitar suas entranhas, Hel continuou:

— A *Valquíria do Infinito* não é o único tópico da reunião. Hoje, irei expor meu plano para vocês, o qual vai acabar de uma vez por todas com os deuses que tanto se vangloriam em seus tronos de ouro e prata — a governante de *Helheim* voltou a se sentar. Olhou em direção a Rozzor e pediu mais vinho. — Todavia, começaremos tratando do assunto de maior prioridade.

— Se a senhora se refere a tal valquíria — o anão iniciou, tamborilando os dedos na mesa. — Mantenho-me firme na opinião de que devemos mandar alguém capacitado para acabar com ela. Pelos meus ancestrais, ela é apenas uma mulher, uma *valquíria*! O que tem de tão incomum nela que possa fazer todos os presentes cagarem nas calças apenas por ouvirem o nome dela?

A Senhora dos Mortos fitou o anão, cujo bigode estava molhado de vinho:

— Há quanto tempo você não procura se informar sobre o mundo exterior, senhor Dunval? Porque pelo que me parece, o senhor não conhece nada que não esteja relacionado a suas terras.

— Eu conheço o suficiente para a sobrevivência de meus semelhantes, Rainha Hel. Saber sobre uma valquíria qualquer não faz parte disso, lhe garanto — comentou num tom agressivo.

— Entenda, Dodoric. Eu sou uma rainha que odeia a ignorância, seja dos meus subordinados ou dos meus aliados. Não costumo tolerar comentários descomedidos, contudo em respeito à sua família, lhe farei o favor e explicarei quem é a “*valquíria qualquer*” que o senhor tanto fala e não dá a mínima.

— Faça como quiser, *minha rainha*, mas não ache que irá conseguir fazer eu me cagar nas calças.

— Então vocês vieram mesmo — disse Odin, surpreso. — Pensei que jamais teria a chance de conhecer a sua filha, Loki. Sorte dela por não se parecer com o pai.

O homem sorriu em respeito ao deus e porque apreciou a piada.

— É claro que viríamos, meu caro. Devemos aproveitar essa pequena trégua enquanto ainda dura, não é? Além disso, não é todo dia que temos a chance de assistir a um torneio de combate.

— Foi justamente por esse motivo que decidi promover essa competição. Quero tentar aproximar nossas espécies — abriu os braços, como se estivesse abrangendo todas as coisas que falava. — Criar a paz entre nós, para que a próxima geração, como a sua filha, viva num mundo sem muitos conflitos.

— Isso é idealista demais, Odin, você sabe disso. Até mesmo minha querida filha sabe disso — fitou a bela jovem ao seu lado. Parecia ter a aparência de uma humana com seus dezessete anos, embora todos soubessem que ela possuía

muito mais. Seus cabelos brancos como a neve estavam amarrados num coque. Trajava um vestido de cetim negro, de mangas compridas e que lhe tapava o esguio pescoço, e sapatinhos de salto, também negros. — Hel pode ser a próxima geração que tanto fala, mas não é nem um pouco idiota.

— Acha que acreditar na paz é uma coisa idiota? — questionou o senhor de *Asgard*.

— Sim, afinal, quem acredita no impossível?

— Era isso que ia contar para a gente? Uma conversa inútil entre Odin e Loki?
— Dodoric bateu na mesa, claramente estressado.

O anão é petulante e não se amedronta fácil, pensou Hel. Ela não andava com muita paciência, ainda mais se for para com pessoas como Dodoric Dunval.

Encarou o anão com um olhar matador:

— Não interrompa. Essa é a única e última vez que lhe avisarei.

— Claro, claro. Apenas continue — respondeu com desdém.

Nas arquibancadas construídas exclusivamente para o torneio, Hel observava a movimentação no pátio onde ocorreria os combates. Estava sozinha, pois seu pai a largou para ir beber com os outros deuses, gigantes e reis.

Permanecia sentada na arquibancada de pedra, com suas pernas cruzadas numa pose quase escultural. Os trabalhadores que passavam por ali para dar os

retoques à arena encaravam-na vez ou outra, com seus olhares lascivos. Hel os encarava de volta, por muitas das vezes os provocando também.

Os segundos foram passando, tão como os minutos. Foi quando um rapaz, de cabelos dourados como o sol apareceu na arena. Envergava uma pesada armadura branca, com duas espadas cruzadas gravadas no peitoral, douradas como seus cabelos. Carregava uma longa lâmina nas costas e seu elmo de baixo do braço.

O rapaz chamou a atenção de Hel de imediato. O mesmo aconteceu com ele. Quando avistou a bela jovem, sorriu, subiu as arquibancadas e se sentou ao seu lado.

— Nunca a vi por aqui — o cavaleiro falou, olhando para a arena. — Tenho certeza de que se a tivesse visto, lembraria.

— Esta é minha primeira vez em *Asgard* — respondeu, com seus olhos sobre o rapaz. — Chamo-me Hel, filha de Loki.

— Filha de Loki? — Perguntou o rapaz, num tom de surpresa. Parecia que desconhecia o fato de o deus das travessuras ser pai. — Oh, onde estão meus modos? Sou Vali, filho de Odin.

— Conheço-o. Todos o conhecem na verdade. “O guerreiro mais habilidoso dos Nove Mundos”. Pelo menos é isso que ouço falar em meu lar — comentou Hel, observando os olhos negros de Vali. — Dizem que você é capaz de derrotar Thor. É verdade?

O garoto enrubesceu.

— Não costumo falar disso com os outros...

— Eu não sou os outros — cortou-o, embora num tom doce.

— Como eu disse, não costumo falar disso com os outros — retomou calmamente. — Ou melhor, com ninguém. Prefiro provar ao invés de apenas confirmar rumores, por mais acertados que sejam.

— Ora, ora. Então quer dizer que teremos a honra de ver um embate entre irmãos neste torneio? — sorriu só de pensar na ideia. *Quem sabe poderei me divertir com ambos depois.* — Esperarei ansiosa para saber quem será o vencedor — pôs a mão no rosto de Vali e plantou um beijo em seu rosto. — Geralmente o vencedor sempre recebe um prêmio, não é?

— Sim — Vali balbuciava. Estava perplexo com a situação, com a mentalidade decidida de Hel. — Sempre há uma recompensa.

— Então, prepare-se para o embate. Vamos ver se você sabe como manejar sua espada.

— Espero não ter ficado muito sozinha, minha filha. Mas é claro que não, aposto que Freya a fez companhia.

Hel não respondeu.

Loki havia voltado da pequena reunião de soberanos e estava agora sentado com Hel na arquibancada, a qual estava lotada para o início do torneio. Seres de todos os reinos estavam reunidos naquele local, esperando por boas lutas.

No meio da arena, um homem alto e esbelto berrava a plenos pulmões:

— Deuses, gigantes, elfos, anões e humanos! Sejam todos bem-vindos ao Grande Torneio de Combate. Um evento planejado e criado pelo nosso anfitrião, Odin, para que aproveitemos esse tempo de paz da atualidade! — A plateia aplaudiu, entrando no clima de festa do local. — Não vou me alongar mais do que o necessário aqui, pois sei que todos querem ação! Sendo assim, direi como funcionará o evento.

A plateia mais uma vez aplaudiu, dessa vez com muito mais vivacidade. Estava claro que aquilo era esperado por muito tempo, embora Hel só descobrira o torneio poucos dias antes de sua viagem.

— Apesar do nome, o Grande Torneio não se limita apenas ao combate. Tere-
mos dois testes distintos: O primeiro será uma boa e velha competição de pontaria, onde os participantes utilizarão arcos para acertarem os alvos. Ganhará quem acertar o maior número de alvos em menos tempo!

A multidão vibrou, muito menos intensa que anteriormente. Hel olhou para o apresentador que apontava para os minúsculos alvos dispostos numa alta parede de mármore e explicava como funcionaria a pontuação.

Cada um dos alvos era composto de três cores: azul, amarelo e vermelho. Se o competidor acertasse a cor azul, ganharia um ponto. Três pontos para o amarelo e dez pontos para o vermelho. A princípio, dez pontos para a parte vermelha pareceu um exagero para Hel, mas quando percebeu que ela nem ao menos enxergava tal parte, entendeu o motivo. Seria necessária uma mira impecável para acertar nem que fosse um único alvo vermelho.

O apresentador continuou:

— E só então, depois da prova da pontaria, teremos o evento tão esperado por todos: o combate corpo a corpo! — A arquibancada explodiu em gritos e vibrações. Era como se a palavra combate fizesse as pessoas ficarem loucas como selvagens. — Sem mais delongas, vamos aos participantes!

Um pesado portão de ferro começou a se abrir, de forma lenta, rangendo muito. Mesmo assim, não era possível ouvir o barulho, afinal a multidão estava enlouquecida.

— O primeiro participante é o Campeão de Alfheim, Sor Iolas ard Asteap! Sinceramente, não sei se pronunciei de forma correta, mas enfim...

Um elfo, ainda mais alto que o homem que apresentava surgiu. Era careca, sua pele branca como nuvens em um dia de sol. Envergava um gibão de couro verde, junto de calças da mesma cor. Botas de couro negro cobriam-lhe os pés. O elfo tinha uma feição séria, e permaneceu ao lado do apresentador feito uma estátua.

— O próximo participante é alguém aclamado por muitos. É ele, um dos filhos de Odin, o senhor dos trovões: Thor! — Se a multidão já havia feito alvoroço quando revelaram sobre o combate, o que faziam com a entrada de Thor era muito maior e mais intenso.

Do mesmo lugar de onde o elfo surgira, o deus dos raios veio. Envergava uma armadura dourada completa, com elmo. Uma capa vermelha esvoaçava atrás de si. Em sua mão direita, carregava o lendário martelo Mjolnir. Thor vinha caminhando lentamente, acenando para todos os espectadores. Parou ao lado do elfo.

— Vindo direto das cidades subterrâneas dos anões, o grande campeão de *Nidavellir*, Totoric Dunval!

Dessa vez a multidão não aplaudiu com tanta intensidade quando o pequeno, embora robusto, anão apareceu. Envergava uma pesada armadura cor de cobre e em suas costas carregava um machado quase maior que ele.

O anúncio do próximo participante demorou um certo tempo. Hel percebeu a confusão no olhar do homem que apresentava e não via a hora de saber o porquê. Após ter aparentemente entendido, retomou:

— O próximo participante se chama Volan, de *Asgard*!

Da escuridão onde o portão estava, surgia uma mulher, trajando um gibão azul escuro e calças de couro negras, muito justas. Calçava botas que iam até seus joelhos. Utilizava um cinto de espada, com uma lâmina pendendo sua anca direita.

Hel ficou impressionada no primeiro momento. Encarava a loira com uma certa confusão. Loki percebeu.

— Estou me perguntando a mesma coisa, querida. Ela parece ser tão franzina, coitadinha — disse a Hel num tom zombeteiro. — No entanto, lembre-se que o cosmo sempre prega peças em todos.

Hel assentiu com a cabeça.

— Por último, mas não menos importante. O maior guerreiro de *Asgard*, obviamente depois de Tyr: o terceiro filho de Odin, Vali!

Vibração. A multidão tornou-se ensurdecedora e por uma fração de segundos a filha de Loki quis poder explodir toda a maldita arquibancada. Foi naquele momento que descobriu preferir o silêncio de sua casa.

Vali utilizava a mesma armadura de antes, mas agora usava o elmo. Parecia sério, concentrado. Não acenou para ninguém.

— Estes são os participantes do Grande Torneio de Combate dos Nove Mundos! Estão todos preparados?

A plateia berrou, explodiu, sacudiu o local. E Hel só queria ir embora.

— Espera só um segundo. Peço desculpas de antemão, Rainha Hel — Dodoric interrompeu a história, dessa vez de forma bastante educada. — O lendário, Totoric Dunval participava desse torneio?

— Exatamente, meu caro. Seu ancestral participou. Admira-me o fato de que você não soubesse disso — respondeu Hel após tomar um gole de vinho. — Talvez a história lhe sirva de incentivo para se relacionar com o exterior no fim das contas.

— Pode ser. Agora, se não for pedir muito, conte sobre como ele conquistou o torneio sozinho!

A Rainha dos Mortos riu. E continuou.

Tudo estava bem quieto. Thor permanecia ereto, com seu arco preparado para o tiro. O deus dos trovões estava prestes a atirar no último alvo.

Ninguém na arquibancada soltava sequer um suspiro. Pelo menos não até saber se o participante acertara ou errara o alvo. Quando acertava o alvo, a multidão vibrava como se não houvesse amanhã. Entretanto, errar era motivo para muitas, mas muitas vaias, fosse deus ou não.

Tal comportamento divertia Hel, que agora apreciava a competição afincado. Thor era o penúltimo competidor no teste de precisão e, até o momento, parecia ser o segundo melhor no arco e flecha.

O elfo Iolas acertou um alvo vermelho e quatro amarelos; sua pontuação era, portanto, vinte e dois pontos.

O anão Totoric Dunval mostrou-se muito bem acostumado com o arco e provavelmente destruíra quaisquer apostas contra ele quando acertou quatro alvos amarelos e um azul, totalizando treze pontos.

Vali fez vinte e nove pontos ao acertar dois alvos vermelhos e três amarelos. A reputação do garoto parecia ter fundamento, ainda mais após ter conseguido uma pontuação tão alta.

Todavia, Thor não parecia ter a mesma destreza com o arco quanto possuía com seu martelo. Acertara dois alvos amarelos e dois azuis. Via-se em uma situação constrangedora: se não conseguisse um alvo vermelho, iria ser eliminado.

Respirou fundo e soltou a corda. A flecha voou com violência e cravou-se no círculo utilizado como alvo. Vermelho.

Totoric Dunval praguejou, a multidão comemorou e Thor suspirou aliviado. Hel permanecia sem expressão, ainda mais após sentir uma vibração mágica vindo dos arredores de Odin. *Alguém ali ajudou o pobrezinho*, irritou-se, mas nada fez. Loki também percebera.

— Foi Freya. O garoto do trovão é seu xodó — murmurou, embora pudesse ter berrado e ninguém perceberia. — Além disso, ninguém pode ver um *Aesir* ser derrotado por um anão no arco e flecha. Seria uma vergonha sem precedentes.

— Eu adoraria ter visto — esboçou um sorriso.

— Todos teriam adorado, exceto os deuses.

A plateia continuava alegre enquanto Thor saía da arena aclamado. Depois de anunciar o próximo concorrente, o apresentador sumiu mais uma vez do local e quem surgiu foi a misteriosa mulher chamada Volan. Todos se calaram de forma súbita.

— Ela não parece grande coisa — um anão, sentado atrás de Hel comentou, relativamente alto. Seu companheiro socou-o para que fechasse a boca.

Hel tinha que concordar com o anão. Volan não parecia mais do que misteriosa. Parecia magra demais, apática demais. Hel temia que ela não conseguisse manejar o arco de forma satisfatória.

A mulher se dirigiu até o local designado para o tiro. Empunhou o arco e aprontou a flecha. Retesou-se, puxou a corda, e quase que instantaneamente soltou-a. A flecha voou. Vermelho.

Todos permaneciam em silêncio. E não era de se estranhar. Estavam surpresos, perplexos com o que acabara de ocorrer. Não conseguiam vibrar, mas não podiam vaiar um acerto perfeito. *Ora, ora*, divertiu-se Hel. Pensou que Volan pudesse ter tido ajuda mágica, contudo não sentiu nada. Fitou seu pai, o qual parecia absorto na atividade que ocorria.

Volan pegou mais uma flecha, pôs no arco, puxou a corda e soltou, sem qualquer cerimônia ou suspense. Outra vez vermelho.

Alguém berrou, batendo palmas. Outros o seguiram. Assim nasceu um pequeno grupo na arquibancada que passou a apreciar a pontaria da mulher. Flecha, arco, puxa e solta. Mais um vermelho. O grupo aumentava, e a empolgação também.

Totoric desaparecera da arena, talvez já admitindo sua derrota. Iolas parecia mais empolgado que todos nas arquibancadas com a pontaria perfeita de Volan. Já Thor e Vali permaneciam em silêncio, sérios, frios.

Flecha, arco, puxa e solta. Vermelho.

A mulher parecia entediada. Exalava uma sensação de que estava sendo obrigada a estar ali. Pegou a última flecha e a pôs no arco. Dessa vez mirou e após alguns segundos soltou a corda. Acertou o azul. A multidão vaiou. E Hel questionou.

— Ela errou mesmo após ter mirado tanto? — Olhou em direção a Freya, mas ela não poderia ter usado magia para fazer a mulher errar, não sentiu.

— Deixe-me ajeitar a frase para você: ela mirou para errar, não o contrário — Loki sorriu, enquanto ouviam a multidão aplaudir entusiasmada a mulher.

— Totoric foi eliminado no primeiro teste? Isso é uma calúnia contra a família Dunval, senhora Hel! — o anão Dodoric reclamou, batendo com o punho na mesa. — Exijo que conte a história real!

— Cale a boca e preste atenção, seu anão imbecil — Erallyub sep Aestarep bradou, prestes a arremessar a taça de vinho que segurava. — Continue, por favor, rainha Hel.

A Senhora dos Mortos continuou, embora sua vontade fosse aniquilar o pequeno resmungão.

Assim que a prova de pontaria acabou, ocorreu uma pausa para os competidores. Na arena, um pequeno grupo de músicos tocavam poesias e baladas para entreter os convidados.

Apesar de Loki ter explicado como Volan errara o último tiro, Hel não conseguia entender o porquê de a mulher querer errar. *Talvez não quisesse humilhar por completo os adversários*, cogitou e riu da ideia, pois se ela estivesse no lugar, teria dançado sobre a expressão triste dos competidores.

A pausa foi pequena. Não demorou muito para que o apresentador do evento voltasse para a arena, dessa vez usando uma espécie de chapéu. Hel não soube o porquê.

— Finalmente daremos início aos combates que todos esperavam! Preparem-se para uma frenética batalha entre quatro concorrentes, onde quem for o último a se manter em pé, se tornará o campeão dos Nove Mundos! — berrou agitada-mente. — Lembramos aos participantes que não há regras no combate! Caso algum seja levado a inconsciência ou a impossibilidade de continuar, será retirado imediatamente da arena.

Os participantes confirmaram com a cabeça, enquanto os convidados foram à loucura. O apresentador tentou falar mais algumas coisas, sem sucesso. Anunciou de forma rápida o início das lutas e correu para fora da arena, onde os quatro participantes já estavam dispostos em cada canto do local.

— Antes do teste com o arco, eu teria dito que Volan seria a primeira a cair — o anão que outrora desdenhou da mulher misteriosa, agora refazia seus comentários. — Mas agora não sei ao certo.

O companheiro do anão concordou com a cabeça. Hel fitou Loki:

— Em quem apostará, meu pai?

— No elfo. Sempre achei eles bonitinhos — gargalhou e abraçou sua filha. — E porque não gosto de fazer apostas óbvias.

— Se refere a Vali? — Hel perguntou, curiosa.

— Não, não — estalou a língua várias vezes e balançou o dedo em negação. — Foda-se Vali e Thor. A valquíria vai vencer.

Hel fez uma careta à resposta de Loki.

— Valquíria? Como sabe que Volan é uma valquíria?

— Eu a conheci há muito tempo. Menininha bonitinha, encrenqueira, mas bonitinha — pareceu entrar numa lembrança nostálgica. — Ela está bem diferente, devo admitir. Só a reconheci pela sua postura com o arco. A garota sempre teve uma vida difícil por aqui, isso deve tê-la mudado de alguma forma. Segundo alguns informantes do Lorde Umir, ela é a líder do exército de Valhalla.

— Para mim não faz qualquer diferença. Ela ainda é apenas uma valquíria, não é? — indagou, seu tom de voz aumentando gradativamente. — Diga-me como ela poderia ter alguma chance de derrotar dois *Aesir*?

— De um lado, dois *Aesir* acostumados com a paz e a fartura, relaxados e prepotentes. Do outro, uma valquíria nascida em tempos sombrios, criada em meio a morte, e forjada na guerra — levantava ambas as mãos como se estivesse pensando duas medidas. — Força nem sempre vence da experiência e da técnica, minha filha.

— Ambos os supostos *Aesir* relaxados estão em ótima forma a meu ver — passou a olhar para a arena. Viu o elfo correr à uma distância segura de seus adversários. — Além disso, Vali é considerado o mais poderoso e habilidoso. Tenho certeza de que se a valquíria fosse tão incrível assim *ela* possuiria esse título.

— E para diminuir mais ainda a mulher você dirá que Thor também é superior porque ele derrotou sua irmã — soltou um risinho abafado.

— Jormungandr foi descuidada. Mereceu perder para o deus do trovão — Hel disse enquanto observava a batalha que se desenrolava na arena. Thor avançou impetuoso pela direita. Arremessou seu martelo contra Vali, que rapidamente rolou para o lado, desviando do golpe. — E sim, claramente Thor é superior, veja por si mesmo.

Loki deu de ombros e focou sua atenção na luta.

A valquíria permanecia em um canto da arena, de braços cruzados. Uma posição estranha para quem deveria estar batalhando contra os maiores campeões do cosmo. No entanto, a tranquilidade se foi como o vento quando o guerreiro elfo lançou uma saraivada de flechas em sua direção.

Com maestria, Volan desviou das flechas, com exceção de duas, que raspavam em seu rosto e coxa esquerda. Estalou a língua, incomodada com a fisgada que a dor lhe proporcionou.

Percebendo que não poderia ficar parada, prosseguiu para o abate. Com um olhar sedento por sangue, a mulher desembainhou sua espada, a qual era negra como o breu. Sem hesitar, avançou em direção ao elfo, que ao perceber o perigo, preparou uma magia com a mão esquerda.

Bolas de fogo começaram a ser disparadas de sua mão. A multidão que assistia a luta vibrava com a luta que esquentava figura e literalmente. Não demonstrando qualquer preocupação, Volan girou no ar, esquivando da magia do elfo. Enquanto pairava no céu, arremessou a espada contra Iolas, quem nem ao menos se moveu, tendo em vista que a lâmina aterrissou às suas costas.

Despreocupado pelo fato de a valquíria ter errado o alvo, Iolas esboçou um sorriso enquanto procurava por mais flechas em sua aljava. Entretanto, sua felicidade durou menos que um piscar de olhos.

De dentro da sombra da espada negra de Volan que estava sendo projetada no chão, a valquíria surgiu. Logo, agarrou a mão do elfo, que tentou alcançar suas flechas, mas sem sucesso.

Vendo aquilo, Hel levantou as sobrancelhas, um pouco surpresa com o truque da valquíria. Loki fez uma careta:

— Ah, qual é, elfo! Acho bom você ganhar, estou apostando em você!

— Não me parece que ele conseguirá fazer qualquer coisa, meu pai — disse Hel.

E foi como ela mesma disse. Volan, vestindo sua maior inexpressividade possível, puxou o braço do elfo com força o suficiente para que o quebrasse. Iolas berrou de dor, caindo no chão após ser chutado pela valquíria.

Ao ouvir a dor do elfo, Vali e Thor pararam seu embate por um momento. A arena, todavia, vibrava ainda mais com a brutalidade de Volan.

— É para isso que eu vim, caralho! — o anão encenqueiro atrás de Hel berrou, enquanto pulava nos braços de seu amigo.

Como as regras previam, uma equipe surgiu na arena e retirou Iolas do embate. O elfo lutava contra os médicos, vociferando que ainda poderia continuar. Com uma agilidade impressionante, um dos homens de branco atingiu a nuca do elfo, deixando-o inconsciente.

Agora, os dois *Aesir* encaravam friamente a valquíria.

Volan inspirava e expirava lentamente. Tentava permanecer calma, afinal estava num embate perigoso; ela tinha a sensação de que os irmãos uniriam suas forças para acabar com ela e, então, transformar o torneio em um combate pessoal e familiar.

— A calma da mulher deixaria qualquer um impressionado — comentou Hel, seus olhos postos na guerreira de Valhalla. — Nota-se um empenho tremendo no treinamento de suas emoções, embora seja possível perceber que ainda está desenvolvendo a habilidade.

— Esse é um traço novo dela — afirmou Loki, recostado na cadeira e de braços cruzados. — Da última vez que a vi, ela explodia facilmente. Vivia comprando briga com suas irmãs e com o próprio Odin. Sinceramente, estou surpreso com tudo isso.

— Parece-me que não é só você que está surpreso, meu pai — disse Hel. — Pelo que posso perceber, a grande maioria dos ilustres presentes me parecem surpresos com os acontecimentos até agora.

Loki olhou para os lados. Viu Freya de sobrancelhas arqueadas, enquanto bebericava um pouco de vinho. Tyr mantinha uma expressão tão dura quanto sua armadura prateada. Não parecia nada impressionado; talvez pelo fato de o mesmo ser o deus da guerra e um provável mentor da valquíria.

Mas dentre todos, Odin lhe cheirava estranho. O velho *Aesir*, esboçava um sorriso por baixo da sua volumosa barba. Era como se ele soubesse de algo que mais ninguém sabia.

— O caolho parece estar bolando alguma coisa... — murmurou Loki.

— Ou está se divertindo vendo o que seus filhos irão fazer — sorriu. — Até parece.

Ambos voltaram seus olhares para a batalha que se desenrolava. Thor balançava seu martelo despreocupadamente, embora seu olhar dissesse o contrário.

— Não lembro de você em Valhalla, mulher — disse o deus do trovão. — E olhe que passo boa parte do meu tempo por lá.

Volan manteve-se em silêncio, recolhendo a espada que estava cravada no chão. Sentia a enorme pressão que os irmãos exerciam sobre a arena, mas permaneceu imóvel, apenas posicionando sua espada à frente de seu corpo.

Vali, armado de sua brilhante espada, estreitou os olhos em direção à valquíria. Lembrava da mulher, sabia de suas capacidades, e era exatamente por isso que não conseguia se preocupar muito com a presença dela.

— Prefere um combate silencioso então? Pois bem, como desejar — rosnou Thor, atirando o Mjholnir contra a mulher. O martelo voou como uma flecha; tudo que a valquíria conseguiu fazer foi tentar executar um bloqueio.

A força foi tamanha que o ataque destruiu a posição de defesa de Volan, acertando-a no peito. Devido ao golpe, a valquíria voou para trás, e só parou quando uma parede apareceu em seu caminho.

Vali não esperou, investiu com ímpeto sobre a mulher e desferiu um golpe diagonal com sua lâmina, cortando do ombro direito à direita da cintura. Volan ululou de dor, embora tentasse conter sua voz.

A grande maioria dos convidados gritavam para que acabassem com Volan. A outra parte queria ver a mulher sofrer um pouco antes que isso acontecesse.

Thor, com um sorriso despreocupado, ergueu a mão em direção ao martelo, trazendo-o de volta a sua mão. Seu irmão, no entanto, não se deu por satisfeito.

Com entusiasmo, agarrou o pescoço de Volan, erguendo-a.

— Preciso reclamar com meu pai — esbofeteou a valquíria. — Nossas guerreiras estão fracas demais.

— Poupe-nos de sua falação, Vali... — murmurou a mulher. — Todos sabem que você é bom apenas nisso.

— Ora, sua vagabunda! — Enraivecido, arremessou a valquíria para o outro lado da arena. — Eu devia fazê-la em pedacinhos, mas sou um deus muito generoso — foi caminhando a passos largos e pesados em direção ao seu alvo.

Thor assoviou, admirado com a surra e, respeitando seu irmão, ficou fora daquilo.

Vali parou em frente a Volan, bufando.

— Levante-se e lute, sua puta — agarrou-a pelos cabelos e a ergueu. — Mantenha-se em pé. Isso. Soque-me, ande!

O Aesir não esperou. Socou o rosto da mulher, que se manteve em pé, embora aparentemente inconsciente. Volan já não possuía mais qualquer reação.

Até aquele momento, as pessoas exaltavam o nome de Vali enquanto vaiavam a valquíria. Foi então que Hel sentiu uma vibração mágica. Loki se ergueu num pulo, encarando friamente Odin, o qual sorria malicioso para todos os gigantes.

Um brilho tomou conta da arena. Negro e púrpuro. Uma mistura bela, mas sombria. Exalava da valquíria derrotada, mas nunca caída, como se fossem chamas. Tudo começou a tremer. O chão, a arena, os céus.

— Isso é Caos! — vociferou Loki para Odin. — O que significa isso, seu caolho filho da puta?!

— Isso, meus caros “amigos”, é o poder de *Asgard!* — exclamou Odin. Uma legião de mulheres, armadas e protegidas por armaduras brancas rodeavam o local onde O Pai de Todos permanecia. — Acabarei com a guerra aqui e agora! Com o poder do Criador! Com o poder do ser que vocês tanto veneram!

— Desgraçado — exclamou Loki.

Hel não conseguia mais ver os outros participantes na arena, apenas Volan, envolta nas chamas de Caos. Não entendia. E mesmo após Loki agarrar-lhe pelo braço e fugir com ela, a futura Rainha de Helheim só entendera muitos séculos depois.

— O que de fato aconteceu naquele dia, Hel? — Quem questionou a rainha foi Skadi, ereta em sua cadeira. — A fala de Odin pareceu-me vaga demais.

Dodoric e Erallyub confirmaram com a cabeça, ambos também confusos. O único que aparentava saber de tudo era o Rei dos Gigantes, que gastava seu tempo na reunião tossindo.

— Odin tentou matar todos os maiores generais do reino Jotun naquele dia. E conseguiu alcançar seu objetivo, pelo menos em parte — fitou Umir, bebeu um pouco de vinho recém-reposto por Rozzor, e continuou. — Lorde Umir imaginou uma traição por parte de Odin e por isso tinha um plano de fuga. Conseguiu retirar um pouco menos da metade do nosso povo que estava lá no dia, o suficiente.



“Corremos para os portais criados pelos nossos magos élficos, os negros, e voltamos sãos e salvos para *Jotunheim*. Os generais sobreviventes declararam o fim da trégua, e foi nessa mesma época em que assumi o Trono de Carne e Osso, pois Helreginn morrera na emboscada. Meu pai decidiu que Jormungandr vigiasse o centro do cosmo, *Midgard*, e libertou Fenrir de suas correntes para que pudesse o auxiliar em seja lá o que desejasse.”.

— Certo, certo. Acredito ter entendido toda essa historinha. No entanto, rainha Hel, ainda não entendi o porquê de vocês se mijarem toda vez que essa Valquíria do Infinito é mencionada, afinal você retratou em sua história uma outra valquíria, como era mesmo o nome?

— Volan — respondeu o elfo negro.

— Isso, Volan — o anão repetiu o nome dado.

— Volan e Zero são a mesma pessoa — respondeu Umir antes que Hel tivesse a chance. Estava sério, parecia infeliz em ter de lembrar aqueles acontecimentos. — Volan é seu nome de nascença, seu nome real, antes da *mudança*.

— Explique, por favor — Skadi solicitou. — Que mudança é essa?

— O Caos, a luz que rodeava e exalava daquela mulher. Aquilo era o poder que Odin fez questão de jogar em nossas caras — começou Umir, num tom sombrio. Apoiava os cotovelos na mesa. — “O poder do ser que vocês tanto veneram”, foi o que ele disse. Odin se referia à relíquia perdida: o *Coração do Caos*.

— Impossível! — Skadi ergueu-se num pulo, batendo com as mãos na Rocha Negra com força. As taças estremeceram, mas não caíram. — Como pode?!

— O senhor não pode estar falando sério, Rei Umir — o elfo negro gaguejou, encarando o governante gigante.

— Eu gostaria de um pouco mais de vinho — Dodoric ordenou e Rozzor o serviu. Quando percebeu os olhares de reprovação sobre ele, mudou a postura. — Minha nossa! Que filho da puta petulante!

A Sala da Rocha Negra se viu de repente, repleta de questionamento. Um furdunço foi gerado e somente foi acalmado quando Hel socou a mesa, uma única vez, sorrindo, mas com um resultado positivo.

— Sim, ela possui a relíquia. Sim, ela carrega dentro de si o coração do Criador, do Primeiro Ser, o Lorde Ymir — iniciou o discurso, calma e composta. — Por

isso recomendei a você, Skadi, que conseguisse pôr as mãos em sua própria relíquia, o *Niflungar*, o anel do Lorde Ymir. Pois esta é a única forma de combater essa mulher. Relíquia contra relíquia. Ymir contra Ymir.

— Espere um pouco, o anel dos Filhos da Névoa é um artefato ancestral? Por que não me avisou isso antes, Hel? — Skadi questionou, indignada e impressionada ao mesmo tempo.

— Porque eu precisava esperar pelo momento certo. Esperava pelo momento em que finalmente revelaria meu plano para todos aqui presentes — levantou-se e encarou seus convidados um por um. — Iremos reunir todos os artefatos e utilizá-los para reviver o verdadeiro rei dos Nove Mundos: Lorde Ymir.

— Todos? Existem mais? — Erallyub perguntou.

— Existem mais seis relíquias, uma para cada mundo, excluindo o Coração do Caos, o *Niflungar*, e a minha relíquia; *Asgard*, *Niflheim*, e *Helheim* respectivamente. Precisaremos de todas elas se quisermos ter chance contra o artefato da Valquíria — Hel respondeu. — Agora entendem o porquê dessa súbita reunião? O tempo urge e provavelmente a Valquíria já está ciente de que planejo algo. Ganhamos um pouco de tempo desde que o plano do Pai de Asgard falhou em parte e ele começou a acreditar na tola profecia das Nornas. Usaremos isso a nosso favor e encontraremos o que precisamos.

— Qual é a sua relíquia, Hel? — Umir perguntou, sério. — Não imaginei que fosse esconder isso de mim.

— Desculpe-me, mas preciso manter o segredo — respondeu apologeticamente. Umir pigarreou, atendo-se a mais comentários.

— E de quanto tempo estamos falando, exatamente? — Perguntou Skadi, com os ânimos controlados. — Pela urgência da reunião, não muito.

— Tempo suficiente — respondeu Hel. No fundo sabia que aquilo não era garantia nenhuma, mas era o que conseguia dizer naquele momento. — Zero está a caminho de *Niflheim* segundo Lorde Umir. Sendo assim, não preciso pedir-lhes para que sejam rápidos na caçada pelas relíquias.

— Como podemos procurar por coisas que nem sequer sabemos o que é? — o elfo negro questionava mais uma vez. Hel gostava daquilo. *Ele ao menos se interessa.*

— Procurem por escrituras. Vasculhem a cultura de seus povos. Com certeza há algo que os levará até elas — *ao menos é isso que espero*. — Algum de vocês tem mais alguma pergunta?

O silêncio cobriu a sala como se fosse um véu. Os aliados entreolhavam-se, perguntando quem falaria alguma coisa. No fim, Dodoric se pronunciou:

— Uma perguntinha rápida: vocês só têm vinho aqui, ou por acaso conseguem me arranjar um pouquinho de cerveja?

Erallyub, o elfo negro, suspirou e revirou os olhos. Skadi ameaçou o anão com um olhar mortal, enquanto o Rei dos Gigantes tossia até quase se desfazer.

Desse jeito, é mais fácil desistir e esperar a maldita valquíria nos aniquilar, praguejou Hel, enquanto virava as costas para todos e deixava a Sala da Rocha Negra, indignada, mas ainda assim esperançosa com seu plano, o qual finalmente parecia estar começando a andar.

A SENHORA DO FIM DO MUNDO

FICHA TÉCNICA

Roteiro | DIOGO ZIMMERMANN

Ilustrações | GULZRUS

Revisão | GUSTAVO SIMAS

Upload | NOVELAND

CONFIRA OUTRO DOS NOSSOS TÍTULOS



Ootsuka Keiko é a aluna modelo de sua escola: Presidente do Grêmio Estudantil e do Clube de Literatura e Poesia e Representante de Classe. Além de sempre ocupar o primeiro lugar no ranking de notas, é uma das garotas mais belas e cobiçadas entre os outros estudantes. No entanto, sua personalidade exigente e paixão por personagens de otomes games faz com que ela não tenha nenhum namorado. Watanabe Hiiro, em contrapartida, é o aluno com as piores notas da sala. Sem amigos, passa todo seu tempo livre lendo mangás ecchi e colecionando actions figures de suas ditas "waifus". Um dia, os dois estudantes se encontram em uma cena constrangedora e desastrosa, que terá como consequência o início de uma estranha amizade.

Autor(a): Renata Alencar

Ilustração: Ysis dos Santos Cobra

Gêneros: Slice of Life, Comédia Romântica, Drama



Facebook.com/novelandBR



@NovelLandOficial



noveland.com.br



